

Migrantes por necessidade:  
o caso dos senegaleses no Norte  
do Rio Grande do Sul

Dirceu Benincá  
Vânia Aguiar Pinheiro

Migrantes por necessidade:  
o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul

*Migrants out of need:  
The case of the Senegalese in northern Rio Grande do Sul*

*Dirceu Benincá  
Vânia Aguiar Pinheiro*

## **Resumo**

O presente texto aborda a situação dos senegaleses que vivem na cidade de Erechim/RS, que se tornaram migrantes em função do trabalho. As adversidades experimentadas no país de origem, na viagem e no novo meio social misturam-se à esperança de uma vida melhor. Após situar o fenômeno migratório no contexto da globalização neoliberal, destacam-se aspectos da identidade dos senegaleses. Na sequência, são analisadas algumas das dificuldades enfrentadas por eles, sobretudo relacionadas ao trabalho, ao idioma, à distância da pátria-mãe e à inserção na sociedade local.

**Palavras-chave:** Migrantes Senegaleses. Identidade. Trabalho. Globalização. Inserção Social.

## **Abstract**

This text discusses the situation of the Senegalese who live in the town of Erechim, state of Rio Grande do Sul, and who became migrants for work-related reasons. The adversities experienced in their country of origin, when traveling and in their new social milieu get mixed with the hope for a better life. After locating the phenomenon of migration in the context of neoliberal globalization, the text highlights aspects of Senegalese identity. It then describes some of the difficulties these Senegalese face, mainly in relation to work, language, distance from their home and integration into local society.

**Keywords:** Senegalese Migrants. Identity. Work. Globalization. Social Integration.

Cadernos  
**IHU** *ideias*

**Migrantes por necessidade:  
o caso dos senegaleses no Norte  
do Rio Grande do Sul**

Dirceu Benincá  
Vânia Aguiar Pinheiro

ano 13 • nº 232 • vol. 13 • 2015 • ISSN 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS 

**Cadernos IHU ideias** é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

## UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

**Reitor:** Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

**Vice-reitor:** José Ivo Follmann, SJ

### Instituto Humanitas Unisinos

**Diretor:** Inácio Neutzling, SJ

**Gerente administrativo:** Jacinto Schneider

ihu.unisinos.br

## Cadernos IHU ideias

Ano XIII – Nº 232 – V. 13 – 2015

ISSN 1679-0316 (impresso)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

**Conselho editorial:** Lic. Áttila Alexius; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. MS Gilberto Antônio Faggion; Prof. MS Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

**Conselho científico:** Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

**Responsável técnico:** Lic. Áttila Alexius

**Arte da capa:** Ana Carolina Porto

**Revisão:** Carla Bigliardi

**Editoração eletrônica:** Rafael Tarcísio Forneck

**Impressão:** Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003)- . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .  
v.

Quinzenal (durante o ano letivo).

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.

Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).

ISSN 1679-0316

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 316

1

32

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa de Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000, São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467

Email: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br)

## MIGRANTES POR NECESSIDADE: O CASO DOS SENEGALESES NO NORTE DO RIO GRANDE DO SUL

*Dirceu Benincá  
Vânia Aguiar Pinheiro*

Nos últimos anos, tem sido considerável o número de migrantes que ingressaram no Brasil em busca de trabalho. No Norte do Rio Grande do Sul, cidades como Passo Fundo, Getúlio Vargas, Marau, Nova Araçá, Gaurama e Erechim são alvos da migração de trabalhadores vindos de Senegal e outros países da África, bem como do Haiti. Nessa região, onde a absoluta maioria da população é descendente de imigrantes europeus, a presença de negros é imediatamente percebida em função de sua cor, cultura, idioma, religião e costumes, diante do que se explicitam diversificadas reações sociais.

Para a elaboração desse trabalho foram entrevistados diversos senegaleses residentes na cidade de Erechim, representantes de duas empresas em que os migrantes realizam atividades profissionais e outras pessoas que possuem algum tipo de vínculo com o tema. Os dados foram coletados por meio de entrevistas, utilizando questionário com roteiro de perguntas semiestruturadas. Com o objetivo de manter a impessoalidade dos entrevistados, seus nomes serão aqui omitidos.

### **1 Migrações em tempos de globalização**

As migrações são um fenômeno expressivo na atualidade, identificado com o deslocamento de pessoas, famílias, grupos e segmentos sociais dentro de um mesmo país ou para fora dele. No amplo conceito de *migração* estão incluídos os processos de *emigração* e *imigração*, respectivamente, saída de um lugar e chegada em outro lugar (BRZOZOWSKI, 2012). As causas que produzem esses deslocamentos são múltiplas. Porém, em tempos de globalização neoliberal, quase sempre a noção de migrante vem associada a movimentos estimulados por fatores sociais, econômicos ou políticos, impelindo muitos a buscarem trabalho e sobrevivência

fora de seu local de origem. Esse é o caso de senegaleses, haitianos, bolivianos e tantos outros que têm visto no Brasil uma esperança de vida melhor.

Hall (2006, p. 67) concebe a *globalização* como aqueles “processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado”. Para o autor, “a globalização é muito desigualmente distribuída ao redor do globo, entre regiões e entre diferentes estratos da população dentro das regiões” (HALL, 2006, p. 78). Essa forma de globalização predominante estabelece a prevalência do mercado sobre o Estado; subordina o trabalho aos interesses do capital; reduz os direitos dos trabalhadores; produz grandes assimetrias sociais; concentra o poder econômico nas mãos de poucas empresas nacionais e transnacionais; privatiza patrimônios públicos; apropria-se de recursos naturais à exaustão; cria dependência dos países periféricos em relação aos países centrais; etc.

A globalização possui diversos aspectos, interligados de modo complexo. Se, por um lado, são inegáveis os avanços, conquistas e benefícios da modernidade associada aos processos de globalização, por outro, ela cria inúmeros problemas e os impõem aos segmentos sociais mais vulneráveis. Para Boaventura de Sousa Santos (2005, p. 49-50), a globalização não é um fenômeno linear, inequívoco, espontâneo, automático, inelutável e irreversível. É, antes sim, multidimensional, podendo assumir orientações *hegemônicas ou contra-hegemônicas*. As migrações forçadas, por sua vez, se constituem em um desdobramento dos imperativos da globalização hegemônica.

Ao elencar razões das migrações atuais, Tedesco e Grzybovski (2013) afirmam:

É importante não esquecer, em termos estruturais e societais, que a reprodução do capital continua necessitando do trabalho para maximizar sua racionalidade de acumulação, inclusive ampliando o número de trabalhadores manuais; necessita de formas de superexploração da força de trabalho, servindo-se de elementos tradicionais étnico-culturais e de nacionalidades variadas, de imigrantes que alimentam mobilidades sociais, que “vieram pra trabalhar unicamente”, como mencionou um líder do grupo de senegaleses, e, por isso, se submetem a situações muitas vezes precárias de vida e de relações de trabalho.

As mobilidades sociais voltadas para a produção da sustentabilidade implicam desafios de ordens e grandezas múltiplas, como explica o entre-

vistado “A”<sup>1</sup>. Segundo ele, partem do Senegal em direção a Madri (Espanha) e então para Quito (Equador), percurso feito de avião. De Quito para São Paulo e dali para Erechim deslocam-se de ônibus, em viagem de aproximadamente uma semana. Os imigrantes realizam esse longo trajeto em função da dificuldade de obtenção do “visto” junto ao Consulado do Brasil no Senegal. Acerca disso, ele afirma:

O visto é complicado, brabo, brabo... No Consulado, pedem um monte de documentos e muito dinheiro. E se não tem dinheiro guardado no banco para conseguir pagar hotel, comida, eles não dão o visto. Por isso, tem que dizer: “eu quero ir passear no Brasil, não para trabalhar”. Se é para trabalhar eles não dão o visto. É complicado.

O entrevistado “E”<sup>2</sup> diz não se recordar do percurso que fez do Senegal a Erechim porque não falava português. Recorda que chegou ao Brasil em 2009, por Fortaleza, depois foi para a Argentina, onde ficou nove meses. Sobre o processo de obtenção do visto, comenta:

A gente chega aqui e vai lá pra Passo Fundo, na Polícia Federal... Todo estrangeiro que chega aqui no Brasil pode ganhar permanência para ficar... Antes eu conseguia o documento para três meses. Depois fui lá na Polícia Federal e ele renova para mais três meses e vai renovando... Uma vez eu consegui para seis meses. Agora graças que tenho um bebezinho e acho que vou conseguir uma permanência para ficar no Brasil. Com o bebê eu acho que vou conseguir se Deus quiser.

A luta por uma vida digna faz com que muitos comecem a migrar bem cedo e sigam migrando para vários lugares. O entrevistado “C”<sup>3</sup> relata que saiu de casa com 20 anos de idade e trabalhou 15 anos na Costa do Marfim. Em 2007 veio a Buenos Aires, onde permaneceu até 2010; na sequência migrou para Passo Fundo, depois regressou ao Senegal e agora trabalha em Erechim em uma metalúrgica. Conforme Espeiorin (2014), há diversas rotas e roteiros percorridos pelos imigrantes.

Apesar de falarem pouco sobre a forma como ingressam no Brasil, a rota principal se inicia no Equador porque lá não é exigido passaporte, visto ou autorização para circular pelo país. Depois, eles seguem para o Paraguai, Argentina e finalmente o Rio Grande do Sul. Outros preferem cruzar a fronteira com o Acre e depois seguem em direção ao Sul do Brasil. “Olhando o Senegal, a gente vê que eles estão num

---

1 Imigrante senegalês mais antigo em Erechim, tendo chegado à cidade há cerca de cinco anos. Conta que trabalhou um tempo em São Paulo como vendedor e depois migrou para Passo Fundo onde trabalhou como soldador, vendedor e na coleta do lixo. Entrevista concedida em 03 de julho de 2014.

2 Entrevista concedida em 28 de setembro de 2014.

3 Entrevista concedida em 28 de setembro de 2014.

processo de diáspora. E para entrar no país, muitos acabam sendo vítimas de ‘coiotes’ que os fazem ingressar no Brasil”, explica Maria do Carmo.<sup>4</sup>

Sobre a questão documental, diferentemente de outros colegas, o entrevistado “B”<sup>5</sup> diz que é tudo muito tranquilo para a renovação do visto em Passo Fundo. “Desde que eu cheguei aqui, nunca nenhum policial me perguntou documento. Já tenho visto de permanência, que consegui em 2009 e vai terminar em 2019. Quando terminar, posso ter o definitivo. Mas tomara que até 2019 eu tenha o que queira e possa voltar para o Senegal”, afirma ele.

Com alguma particularidade, as dificuldades enfrentadas pelos migrantes se repetem e, com elas, também o sentimento de diáspora e de instabilidade diante do presente e do futuro. Segundo informações obtidas com os próprios entrevistados, calcula-se que haja cerca de cem (100) senegaleses vivendo e trabalhando na cidade de Erechim, em sua absoluta maioria jovens do sexo masculino. Verificou-se também uma considerável mobilidade regional dos imigrantes por conta do trabalho.

## 2 Migrantes em uma sociedade excludente

Senegal, na África Ocidental, foi colonizado pela França no século XIX e obteve sua independência formal em 1960. Segundo dados das Nações Unidas/2014, o país possui 14,54 milhões de pessoas, sendo que “quase 90% da população é de jovens, porque os velhos morreram, principalmente em conflitos”<sup>6</sup>. Senegal registra altas taxas de desemprego e de mortalidade infantil e baixa expectativa de vida. Dos 187 países relacionados no Ranking IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de 2013, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) situa Senegal entre os que possuem “baixo desenvolvimento humano”, na posição 163, com um IDH de 0,485. Tendo uma economia fraca que não consegue acolher toda a mão de obra disponível, muitos senegaleses veem na migração uma alternativa de sobrevivência.

Ao migrarem, muitas vezes passam a ser vistos como intrusos em terras estranhas para disputar trabalho com a população local, reproduzindo-se, assim, estereótipos e preconceitos. No caso dos imigrantes vin-

---

4 Maria do Carmo é coordenadora do Centro de Atendimento ao Migrante, em Caxias do Sul.

5 Entrevista concedida em 28 de setembro de 2014.

6 Cf. Vania Beatriz Merlotti Herédia, doutora em História das Américas, pós-doutora em História Econômica, professora da Universidade de Caxias do Sul e pesquisadora sobre migrações contemporâneas, migrações internas e migrações históricas. Disponível em: <<http://www.ucs.br/site/revista-ucs/revista-ucs-11-a-edicao/senegal-a-nova-cara-do-imigrante/>>. Acesso em: 26 fev. 2015.

dos da África, continente marcado por históricos impactos da colonização interna e da escravidão externa, as chances de sofrerem as referidas consequências se tornam ainda maiores. De acordo com Cavalleiro (2000, p. 23),

podemos entender o preconceito como um julgamento negativo, na maior parte das vezes, e prévio em relação às pessoas ocupantes de qualquer outro papel social significativo. Ele é mantido apesar de os fatos o contradizerem, pois não se apoia em uma experiência concreta. Ele sinaliza suspeita, intolerância, ódio irracional ou aversão a indivíduos pertencentes a uma mesma raça, religião ou a “outras raças, credos, religiões”, etc.

Nos últimos dois anos, cerca de três mil haitianos e senegaleses<sup>7</sup> chegaram à cidade de Caxias do Sul em busca de emprego em fábricas e frigoríficos. Entre as reações verificadas, constam atitudes preconceituosas e discriminatórias. Essa realidade foi mostrada no Programa Fantástico, da Rede Globo, edição de 17 de agosto de 2014:

“Não acho justa a convivência deles aqui no meio da gente”, diz um morador; “Sem falar todas as doenças que eles estão trazendo”, diz uma mulher; “O pessoal daqui vai perder emprego por causa disso. Porque por qualquer mixaria eles estão trabalhando”, afirma um senhor; “acho que inclusive até aqueles que estão vindo aqui têm que ir embora!”, reclama uma senhora.<sup>8</sup>

O programa televisivo que veiculou as falas acima, ao apresentar uma reportagem parcial e sensacionalista sobre o assunto, reforça o preconceito existente em relação aos novos imigrantes. Habitantes da região que foi o berço da imigração europeia (branca) no final do século XIX e início do século XX reagem de maneira racista e discriminatória diante dos imigrantes negros. Percebe-se que a reação adversa se dá muito mais em função da procedência desses imigrantes (por serem negros) do que por serem trabalhadores em busca de trabalho.

Deisy Ventura, professora de Direito Internacional da Universidade de São Paulo – USP, também entrevistada pelo referido programa, afirma: “Nós herdamos uma lei que permite ao Estado fazer com o estrangeiro o que quiser. Expulsá-lo, decidir se ele fica no país ou não. Isso é incompatível com a nossa Constituição de 1988 e com os acordos internacionais que o Brasil subscreveu”. Porém, a Lei nº 11.961, de 2 de julho de 2009,

7 Cf. <<http://www.sul21.com.br/jornal/caxias-do-sul-conta-com-apoio-da-comunidade-para-acolher-200-imigrantes-ganegses-a-procura-de-trabalho/>>. Reportagem publicada em 09 de julho de 2014. Acesso em: 28 fev. 2015.

8 Cf. <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/08/numero-de-pedidos-de-refugio-cresce-800-em-quatro-anos-no-brasil.html>>. Acesso em: 22 nov. 2014.

garante residência provisória ao estrangeiro. Em seu Artigo 1º, declara: “Poderá requerer residência provisória o estrangeiro que, tendo ingressado no território nacional até 1º de fevereiro de 2009, nele permaneça em situação migratória irregular”<sup>9</sup>. Essa lei acabou também estimulando muito o fluxo migratório para o país.

Além de se sentirem diferentes, desiguais e em situação de instabilidade, os migrantes experimentam uma *diáspora* indesejada. A diáspora é a sensação do “não lugar”, o sentimento de ser estrangeiro em qualquer lugar, como exemplifica Stuart Hall. Após ter vivido na Jamaica e na Inglaterra, declara: “Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertenço completamente a nenhum deles [...]. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada” (HALL, 2003, p. 415).

Analisando a recepção feita pela população local aos estrangeiros, os senegaleses afirmam existir “gente boa” e “gente ruim”. Perguntado sobre o que entende ser gente “ruim”, o entrevistado “B” explica: “Às vezes tu sente aquela discriminação. Tem outras pessoas também que são muito legais, fazem amizade, ajudam. Tem de tudo”. Em seguida aparecem as comparações: “Eu já morei na Argentina. Eu gosto mais do povo do Brasil do que do povo da Argentina porque lá discriminam muito quando percebem que você não é daqui. Tem outros também que são legais”. Outro entrevistado declara: “Em todo lugar tem gente boa e gente sem-vergonha. Aqui não é todo mundo legal. Tem gente muito boa e disposta a ajudar e também tem gente bem sem-vergonha”. Aos poucos, o estranhamento e a desconfiança também cedem lugar a outros comportamentos e atitudes, como a curiosidade, a aproximação e a interação.

### 3 Portadores de uma cultura diferente

Um elemento que sobressai na cultura dos imigrantes é sua forte preocupação em ajudar familiares que permanecem no Senegal. Essas ajudas consistem no envio de uma quantia mensal em dinheiro. Sobre isso, assim se expressa o entrevistado “E”:

---

9 O Artigo 2º da mesma Lei caracteriza quem é o indivíduo beneficiado. “Considera-se em situação migratória irregular, para fins desta Lei, o estrangeiro que: I – tenha ingressado clandestinamente no território nacional; II – admitido regularmente no território nacional, encontre-se com prazo de estada vencido; ou III – beneficiado pela Lei nº 9.675, de 29 de junho de 1998, não tenha completado os trâmites necessários à obtenção da condição de residente permanente.”

Eu tinha 12 anos quando meu pai morreu. Tinha 20 e poucos anos quando minha mãe morreu. Eu morei junto com meu irmão e irmã. Eles que me ajudaram. Agora eu tenho dinheiro, tenho que mandar pra eles também, não importa se eles têm ou não tem. Cada um tem que ajudar o outro. Eu tenho quatro irmãos. Todos têm dinheiro, todos têm seu trabalho, não muito dinheiro, mas têm alguma coisa para comer, pra sua família. É uma coisa normal da nossa religião um ajudar o outro, o pai, a mãe, os irmãos.

O domínio de vários idiomas é outra característica desses imigrantes. A língua francesa é obrigatória nas escolas, representando uma espécie de herança da colonização. “Tem o wolof, que é a língua geral (nacional). Digamos que 95% da população entende wolof. No Senegal tem 13 dialetos. Cada tribo tem sua língua”, afirma o entrevistado “B”. Além do francês, do wolof, de um ou mais dialetos, em função de suas trajetórias internacionais em busca de trabalho, os imigrantes também acabam aprendendo idiomas como o espanhol, o inglês, o português e outros.

A religião mais professada no Senegal é o islamismo, congregando quase 90% da população. Em um grupo de 15 senegaleses residentes numa casa alugada pela empresa em que trabalham, na cidade de Erechim, todos são muçulmanos. Explicam<sup>10</sup> que estão no terceiro dia do Ramadã, tradicional ritual islâmico que consiste em jejum de trinta dias consecutivos, do nascer ao pôr do sol. Nesse período, não comem nem bebem (inclusive água), independentemente do trabalho que realizam. O Ramadã é obrigatório para quem tem saúde, dos 18 anos até o fim da vida. De acordo com o entrevistado “A”,

a fome e a sede são muito grandes e estamos muito cansados. Também não podemos olhar para mulheres e nem namorar nesses dias. Só se pode pensar em Deus e nas coisas boas; ajudar os outros e não falar mal de ninguém. Se estragar o Ramadã tem que pagar castigo. Se desrespeitar um dia de Ramadã, tem que pagar três meses. É complicado.

Não tendo um lugar próprio para os rituais religiosos, os imigrantes os realizam nas casas em que moram. Ressaltam a forte influência que o islamismo exerce em suas vidas. Segundo o entrevistado “B”, a paz que existe no Senegal deve-se em boa medida ao papel da religião. “A nossa religião educa bem porque segue o Alcorão. O islamismo é uma religião de paz”, declara. Para ele, “um muçulmano cem por cento não pensa fazer violência e guerra; não discrimina, não briga, não xinga, não rouba. Mas sempre vai ter um que é ateu. Só é muçulmano de nome. Aqueles que fazem guerra não são muçulmanos. Muçulmano educa bem. Se tu lê

10 Entrevista realizada em 03 de julho de 2014.

o Alcorão, ele ensina a respeitar as pessoas”. Migrando para países com cultura e tradição religiosa distinta, a religião pode também se constituir em elemento de preconceito.

#### **4 Imigrantes para o trabalho e trabalho para imigrantes**

Para Ricardo Antunes (2008), o capitalismo necessita cada vez menos do trabalho estável e cada vez mais das diversificadas formas de trabalho parcial, temporário, terceirizado, precarizado. O imigrante enfrenta um estado de provisoriedade em relação ao trabalho, em função do qual o próprio imigrante vive ou sobrevive, como analisa Abdelmalek Sayad (1998, p. 54-55):

Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito [...], revogável a qualquer momento [...]. Foi o trabalho que fez “nascer” o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz “morrer” o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser. E esse trabalho, que condiciona toda a existência do imigrante, não é qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho que o “mercado de trabalho para imigrantes” lhe atribui e no lugar em que lhe é atribuído; trabalhos para imigrantes que requerem, pois, imigrantes; imigrantes para trabalhos que se tornam, dessa forma, trabalhos para imigrantes.

Essa condição torna o imigrante um “cidadão” vulnerável em tempo integral. Porém, mesmo sendo visto essencialmente como mão de obra barata, ele constitui fonte alimentadora do sistema capitalista, que assenta sua base sobre o lucro a qualquer custo. Como observa Sayad (1998, p. 45), o imigrante fica submetido a uma dupla contradição: “Não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com intenso sentimento de provisoriedade”. Essas contradições impõem ao imigrante uma situação ambígua no país em que passa a viver e trabalhar.

Oscilando, segundo circunstâncias, entre o estado provisório que a define de direito e a situação duradoura que a caracteriza de fato, a situação do imigrante se presta, não sem alguma ambiguidade, a uma dupla interpretação: ora, como que para não confessar a si mesmo a forma quase definitiva que com frequência cada vez maior a imigração reveste, apenas se leva em conta na qualidade de imigrante o seu caráter eminentemente provisório (de direito); ora, ao contrário, como se fosse preciso desmentir a definição oficial do estado de imigrante como estado provisório, insiste-se com razão na

tendência atual que os imigrantes possuem de se “instalar” de forma cada vez mais duradoura em sua condição de imigrantes (SAYAD, 1998, p. 45).

Os migrantes tornam-se, assim, alvos de fácil exploração. Feitos ilegais, são trabalhadores ideais para a economia capitalista que vive à sombra dos direitos. Silenciados politicamente, são cidadãos de mãos atadas. Segundo Sayad (1998, p. 52),

na situação atual, podemos dizer que não existe discurso sobre o desemprego que não seja ao mesmo tempo um discurso sobre os imigrantes, ou melhor, sobre a relação de causa-efeito que, às vezes, é apenas sugerida, mas que, outras vezes, é explicitamente afirmada, entre a imigração e o desemprego [...]. O imigrante só pode ser concebido indissociavelmente ligado ao trabalho (o imigrante desempregado não existe, como diria R. Desnos).

Na busca de sobrevivência, esses cidadãos são alvo de descrédito. “Não se pode esquecer que os imigrantes são pessoas que atravessam múltiplas fronteiras; em geral, por isso, não são vistos como pessoas que têm projetos, desejos de ir e voltar, permanecer e reconstruir suas vidas” (TEDESCO; GRZYBOVSKI, 2013). Ao encontrarem emprego, quase sempre a remuneração é baixa, mas, ainda assim, melhor do que no país de origem.

Nas empresas pesquisadas, o regime de trabalho, o valor do salário e os direitos trabalhistas são iguais para brasileiros e estrangeiros. A empresa “A” também oferece moradia, alimentação e baixada<sup>11</sup>. Representante da referida empresa afirma que eles “costumam repassar cerca de 30% do salário para a família. Muitos pensam em trabalhar e juntar dinheiro para um dia poder voltar pra terra natal. O nosso problema é que eles não pensam em ficar aqui. Eles são muito família mesmo”. A distância da família se constitui em uma das grandes dificuldades que enfrentam.

A documentação é outro aspecto que está no centro das preocupações dos imigrantes. Entretanto, as empresas se envolvem diretamente no processo de regularização e renovação dos vistos de permanência no Brasil. A analista de recrutamento e seleção da empresa “B”<sup>12</sup> avalia que

11 A “baixada” é um valor quinzenal oferecido pela empresa ao funcionário para poder visitar a família, quando esta não mora em Erechim. “Como eles são de outro país, ganham essa ajuda e normalmente juntam pra comprar passagem ou enviam pra família”, informa a funcionária da empresa. Quanto à saúde, a empresa tem clínicas conveniadas para exames. Entrevista concedida em 10 de setembro de 2014.

12 Entrevista concedida em 29 de setembro de 2014.

o fato de terem visto temporário não dificulta a contratação. Segundo ela, a empresa tem interesse que eles permaneçam.

O perfil desses trabalhadores é muito atraente às empresas. Não há queixas quanto à qualidade dos serviços prestados, à produtividade e ao comportamento. A empresa “A” contrata estrangeiros desde 2009 em função de seu perfil e da dificuldade em encontrar mão de obra local. Representante da referida empresa declara:

São bons profissionais, boa resistência física, cumprem com as regras, desempenham as atividades conforme orientação e, em sua grande maioria, têm fácil adaptação. Eles têm bom relacionamento e nunca tiveram nenhum problema com os colegas ou gerências. São superpontuais. Alguns são lentos em suas atividades, não têm tanta agilidade, porém costumam ter estabilidade no ritmo de produção [...]. Não usam bebidas nos alojamentos [...]. O importante para eles é o salário, e mostram sempre interesse nas horas extras. Preferem ficar em alojamentos separados dos brasileiros, tendo em vista seus costumes [...]. Não temos situações trabalhistas com relação a estes funcionários... O *turn over* é baixo.

Depois acrescenta:

Eles não veem o trabalho de servente, de roçada, operador de máquina e outras como difícil, insalubre, de sol a sol. Pra eles não têm essa questão de ruim. Eles veem aquilo como um emprego pra ganhar dinheiro. A mão de obra que eles desempenham aqui e na região é escassa. Pra gente até é uma situação mais confortável; eles trabalhando pra gente em virtude que são muito fiéis. Não veem aquilo como um problema, mas sim como uma solução pra ganhar o salário no final do mês e poderem destinar pra família.

No que se refere a preconceitos e discriminação por conta de cor, etnia, origem, cultura ou religião, a analista da empresa “B” afirma que não há relatos de casos até agora. “Ao contrário, existe muita curiosidade em conhecer os senegaleses”. Representante da empresa “A” diz não ter observado atitudes racistas em relação a eles: “Por parte da empresa não tem nenhum preconceito, mas por parte da sociedade a gente sabe que infelizmente existe”. Porém, a entrevistada “G” afirma:

Na verdade tem racismo. Aqui tem mais gente boa do que de racismo. Eu encontrei uma mulher quando entrei na (empresa “B”). Eu sempre cumprimento as gente. Essa mulher um dia disse: (Fulana) eu não gosta de você. Eu achei que era brincadeira. Eu perguntei por quê? Eu falei eu sou africana, mas eu sou brasileira. Você tem documento brasileira eu também. Eu falei: eu gosto de você. Mas me senti mal. Eu chora porque eu nunca vi gente que não gosta da

gente. No meu país não tem racismo. Todo mundo é igual. Não tem discriminação de raça, nem religião nem de sexo no meu país.

Muitas vezes, os problemas de preconceito, racismo e discriminação são assumidos com passividade e até ocultados pelos migrantes em face de sua condição de estrangeiros que necessitam manter-se no trabalho. Quase sempre eles sofrem calados e/ou procuram se afastar de quem lhes faz mal, como mostra a entrevistada “G”:

Depois eu disse para meu chefe eu não sei por quê. E disse, eu quero sair da empresa (“B”). Ele disse, se você gosta fica pra trabalhar e ajudar sua família. Depois de 8 meses a mulher voltou a falar comigo e disse desculpa. Eu disse para ela por quê? Eu é africana, mas gosta de todo mundo. Eu disse eu gosto de você, minha religião não permite de fazer racismo com gente. Você não gosta de mim, mas eu sempre gosto de você. Tudo bem não tem problema. Agora ela saiu da empresa. Ela faltou muito e a empresa mandou embora ela.

O entrevistado “E” afirma que veio a Erechim “só pra trabalhar” e ganhar dinheiro. “O dinheiro aqui é mais alto que o dinheiro de lá”. É recorrente a declaração de que desejam trabalhar aqui no Brasil para juntar dinheiro e depois voltar para o Senegal e instalar um negócio por conta. Ele explica que na África exerceu a profissão de soldador durante 10 anos, mas também já foi carpinteiro. Ao chegar a Erechim logo conseguiu emprego na empresa “A”, onde trabalha desde 2009. Relata ainda que está montando uma loja com *lan house* para fazer chamadas internacionais e vender roupas da África.

Nas entrevistas realizadas, não foram verificadas queixas dos migrantes quanto à negação de direitos trabalhistas por parte das empresas a que estão vinculados. “Eles pagam tudo direitinho. Cinco anos trabalhei lá, fui carpinteiro. É uma empresa boa pra mim”, afirma o entrevistado “E”. Entretanto, também percebe que a remuneração pode ser melhorada. “Eu ganhava 1.700 mais 300 e pouco de vale por mês... Se um dia eu pensar em voltar lá por 1.700,00 eu vou fazer uma proposta, eu não vou mais aceitar isso... Pra mim é pouco”. Em relação ao tipo de trabalho, mostra-se seletivo. “Graças a Deus eu nunca trabalhei no asfalto. Eu não gosto de trabalhar no asfalto. Acho que não é um serviço bom. É pesado. Eu tenho a minha profissão. Quero trabalhar de soldador, de carpinteiro. Eu nunca vou trabalhar no asfalto ou de servente”.

O trabalho é a preocupação central dos imigrantes. Em função dele, muitas vezes, se veem obrigados a abdicar de coisas fundamentais, como a convivência familiar. “O que eu penso que é ruim ficar longe da família. Quero juntar um dinheirinho e voltar para a África, fazer uma coisa que é meu. Aí não preciso mais sair e ficar longe da família”, afirma o

entrevistado “B”. Ele analisa a situação do Senegal da seguinte maneira: “Digamos que lá 90% estão trabalhando, mas trabalham e ganham pouco. E 5% estão estudando. O salário aqui é mais alto do que de lá. Um pedreiro profissional ganharia mais ou menos mil e cem reais lá”.

O entrevistado “F”<sup>13</sup> ressalta dificuldades econômicas enfrentadas pelos imigrantes. Ele afirma: “Aqui senegalês muito trabalhador e pouco dinheiro. Por que senegalês trabalha muito e ganha pouco? [...]. Ganha pouco, mil e meio, nada bom. Muito dinheiro na casa também. Muito caro. Aqui também comer, muito caro”. A comparação com o salário de Senegal é imediata. O entrevistado “L”<sup>14</sup> declara: “Aqui é maior, mas não muito [...]. Às vezes é bom, mas às vezes...”.

O entrevistado “B” conta que foi um dos primeiros senegaleses a chegar a Erechim. “Eu estou bem. Como se fala, se dança conforme a música”. Porém, além da “música” que toca aqui, verifica-se que todos têm a forte expectativa de um futuro melhor. Quase sempre esse projeto está para além-mar, no regresso à terra natal. Sobre o retorno para o Senegal, o entrevistado “B” declara: “Sempre o senegalês pretende voltar na sua terra. Eu não penso de vir aqui e morar para sempre. Eu penso em voltar para a África, mas quando voltar para lá ter algo para mim”.

Quanto à atividade que realiza em Erechim, o entrevistado “B” explica que já trabalhou no asfalto, mas agora vai trabalhar em serviço de roçada. Perguntado se não julgava ser um trabalho pesado, diz: “Tem dias que é pesado, tem dias que é mais ou menos”. Ele considera que a empresa onde está vinculado “paga direito e ajuda muito”, inclusive com alimentos.

A entrevistada “D”, 29 anos, casada, mãe do primeiro senegalês nascido em Erechim, conta que sua primeira preocupação é cuidar do bebê e quando ele crescer um pouco também irá trabalhar para ajudar a família que ficou no Senegal. Lá ela trabalhava em *call center*, mas confirma o que outros destacam, ou seja, a dificuldade de encontrar trabalho com boa remuneração. Quanto à documentação afirma que está tudo tranquilo e “com o bebê é mais fácil”.

A entrevistada “G”<sup>15</sup>, 34 anos, que mora com a irmã gêmea e o sobrinho (bebê), os quais vieram recentemente de Senegal, explica que o pai trabalhou 10 anos na embaixada do Senegal em Brasília e depois voltou para a África, tendo falecido em 2007. Como todos, entre suas preocupações centrais e compromisso concreto, está a ajuda econômica aos irmãos, irmãs e mãe que permanecem no país de origem. Ela destaca que

---

13 Entrevista realizada em 11 de setembro de 2014.

14 Entrevista realizada em 11 de setembro de 2014.

15 Entrevista concedida em 09 de novembro de 2014.

lá “não é todo mundo que consegue trabalho. Lá eu fazia agente comercial. Era contrato de 3 meses ou 6 meses. Depois saía procurando de novo. Era trabalho temporário”.

### Considerações finais

O tema das migrações internacionais envolve questões de ordem política, social, econômica, cultural, religiosa, etc. e coloca desafios práticos para os próprios migrantes, para os governos, para as empresas e para a sociedade em geral. Em tempos neoliberais, um dos desafios principais consiste na garantia do trabalho digno e da justiça social, quer no âmbito nacional quer no internacional. Isso implica uma luta ampla e permanente contra a exploração do trabalho pelo capital e contra o sistema colonialista que ultrapassa fronteiras.

As modernas formas de colonialismo não ocorrem somente pela ex-torsão da mão de obra, pelas invasões territoriais, pelo uso irresponsável dos bens naturais, mas também pelo sistema educacional que atua sobre a subjetividade das pessoas. A propósito, Walter Mignolo chama a atenção para a importância de promover a desobediência epistêmica, condição indispensável para uma opção descolonial, para a emancipação, a autonomia e a garantia do direito dos pobres. Ele afirma que a opção descolonial implica “*aprender a desaprender* o conhecimento da razão imperial/colonial” (MIGNOLO, 2008, p. 290).

Outro elemento relevante refere-se ao respeito à condição dos que migram em busca de trabalho e melhores condições de vida. A existência de espaços específicos para o fortalecimento da cultura e da identidade é fundamental, juntamente com ações em vista da integração social. Aos governos coloca-se o desafio de viabilizar políticas públicas transnacionais a fim garantir o direito de cidadania a todos os povos para além dos limites geográficos. Trata-se de promover o que alguns autores denominam de *globalização contra-hegemônica*.

As migrações na atualidade e, particularmente, o recente fenômeno migratório dos senegaleses para o Norte do Rio Grande do Sul está a exigir estudos mais acurados. Isso permitirá compreender melhor a realidade dos migrantes, as causas e os desdobramentos desses processos no contexto da globalização neoliberal. Essa é uma exigência e uma condição indispensável para fortalecer iniciativas institucionais, comunitárias e pessoais no sentido de promover a cidadania dos migrantes dentro da compreensão de que o direito de ser humano e de viver com dignidade não tem fronteiras.

## Referências

- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho – Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 5 ed. São Paulo: Boitempo, 2008.
- BRZOWSKI, Jan. Migração internacional e desenvolvimento econômico. *Estudos Avançados*, v. 26, n. 75, São Paulo, may/aug. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142012000200009>>. Acesso em: 13 nov. 2014.
- CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2000.
- ESPEIORIN, Vagner. A nova cara do imigrante. *Revista UCS*. Maio 2014, ano 2, n. 11. Disponível em: <<http://www.ucs.br/site/revista-ucs/revista-ucs-11a-edicao/senegal-a-nova-cara-do-imigrante/>>. Acesso em: 17 nov. 2014.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Da diáspora: identidades e mediações*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: Opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, pp. 287-324, 2008.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *A globalização e as ciências sociais*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.
- TEDESCO, João Carlos; GRZYBOVSKI, Denize. Dinâmica migratória dos senegaleses no norte do Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Estudos de População*, vol. 30, n. 1, São Paulo, Jan/June 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-30982013000100015>>. Acesso em: 17 nov. 2014.
- \_\_\_\_\_. Senegaleses no norte do Rio Grande do Sul: integração cultural, trabalho e dinâmica migratória internacional. *Revista Espaço Pedagógico*, v. 18, n. 2, Passo Fundo, p. 336-355, jul./dez. 2011.

## CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert
- N. 03 *O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo* – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 04 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montañó
- N. 05 *Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 06 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 07 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 08 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Klipp
- N. 09 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 10 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 11 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Édison Luis Gastaldo
- N. 12 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 13 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 14 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 15 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 16 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 17 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Krichke Leitão
- N. 18 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 19 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 20 *Os donos do Poder, de Raymond Faoro* – Helga Irace-ma Ladgraf Piccolo
- N. 21 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 22 *Construindo novos caminhos para a intervenção sociotária* – Lucilda Selli
- N. 23 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 24 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 25 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 26 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nisia Martins do Rosário
- N. 27 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 28 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 29 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 30 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 31 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 32 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 33 *A meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – André Sidnei Muskopf
- N. 34 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 35 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 36 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 37 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Airton Luiz Jungblut
- N. 38 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 39 *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 40 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
- N. 41 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 42 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 43 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 44 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leister, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 45 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadieu
- N. 46 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 47 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Ceres Karam Brum
- N. 48 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 49 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadieu
- N. 50 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 51 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evilázio Teixeira
- N. 52 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Éida Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 53 *Ética e emoções morais* – Thomas Kesseling
- N. 54 *Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Adriano Naves de Brito
- N. 55 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 56 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – An Vranckx
- N. 57 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 58 *O crescimento como condição de uma sociedade convívio* – Serge Latouche
- N. 59 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 60 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 61 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 62 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 63 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman

- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke
- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Octavio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missionária colonial e seu território* – Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnologia* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Marín Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valério Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premevida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, temo e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janelas: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montano
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baio
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de modelos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel*
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins

- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: o caso dos guarani* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greycy Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schütz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasserman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaikowá e guarani Te'yikue no município de Caaraó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Máio Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimizações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsmans e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente, solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci

- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Domelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Morais Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari
- N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
- N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Karla Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 *As possibilidades da Revolução em Elul* – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
- N. 211 *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi
- N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D'Assunção Barros
- N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odelso Schneider
- N. 214 *Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze* – Sandro Chignola
- N. 215 *Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação* – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 *A realidade complexa da tecnologia* – Alberto Cupani
- N. 217 *A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend* – Hans Georg Flickinger
- N. 218 *O ser humano na idade da técnica* – Humberto Galimberti
- N. 219 *A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre* – Halina Macedo Leal
- N. 220 *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil* – José Eduardo Franco
- N. 221 *Neurofuturos para sociedades de controle* – Timothy Lenoir
- N. 222 *O poder judiciário no Brasil* – Fábio Konder Comparato
- N. 223 *Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão* – Jesús Conill Sancho
- N. 224 *O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867)* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 *O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais* – Xavier Albó
- N. 226 *Justiça e perdão* – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 *Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor)* – Martín Almada
- N. 228 *A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo* – Sandro Chignola
- N. 229 *Um olhar biopolítico sobre a bioética* – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 *Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil* – Gustavo da Silva Kem
- N. 231 *Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida* – Jesús Conill Sancho



**Dirceu Benincá** é Doutor em Sociologia pela PUC/SP e pós-doutorando em Educação no PPGE/UNINOVE/CAPES. Entre outras obras, é autor de *Energia & Cidadania – a luta dos atingidos por barragens*. São Paulo: Cortez, 2011; organizador do livro *Universidade e suas fronteiras*. São Paulo: Outras Expressões, 2011 e co-organizador da obra *Educação, Cultura e Reconhecimento: Desafios às Políticas Contemporâneas*. São Paulo: Salta, 2015.



**Vania Aguiar Pinheiro** é Mestranda em Ciências Humanas pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Pesquisadora do tema Identidade e Migrações.



**UNISINOS**